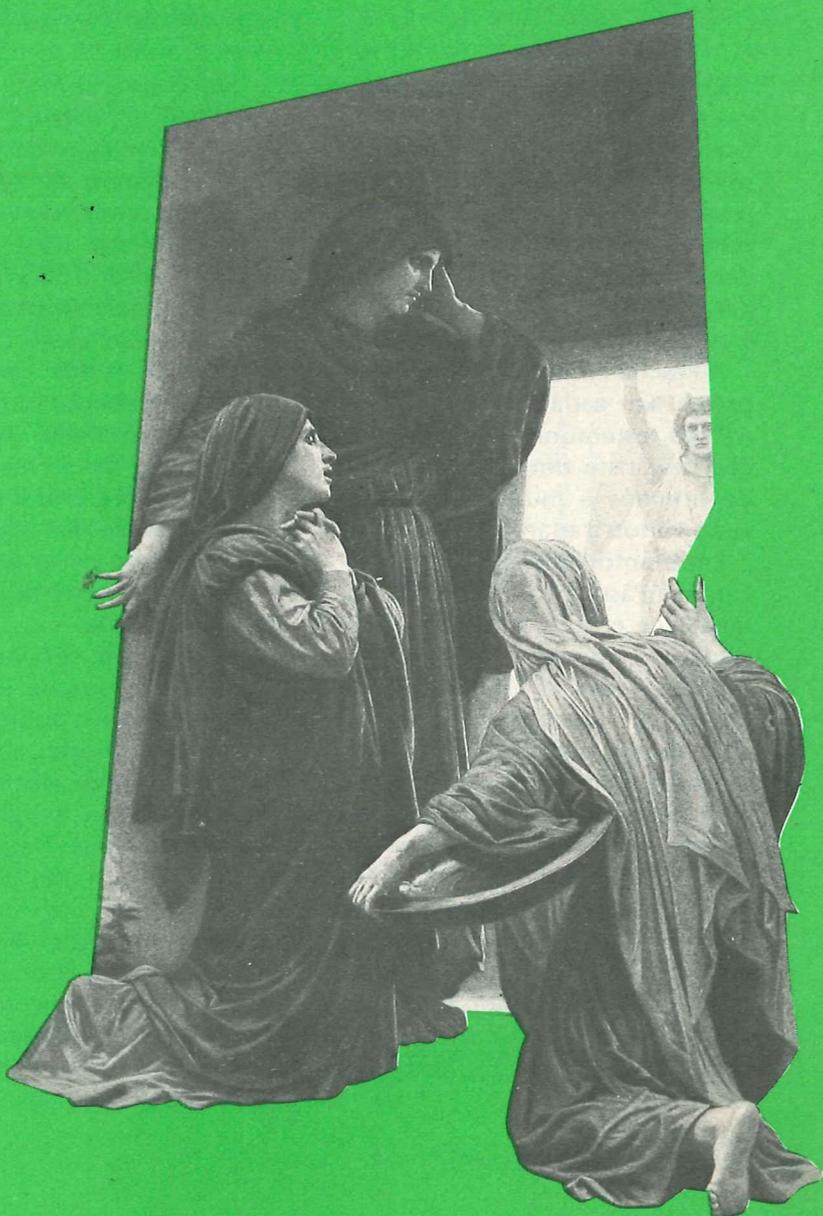
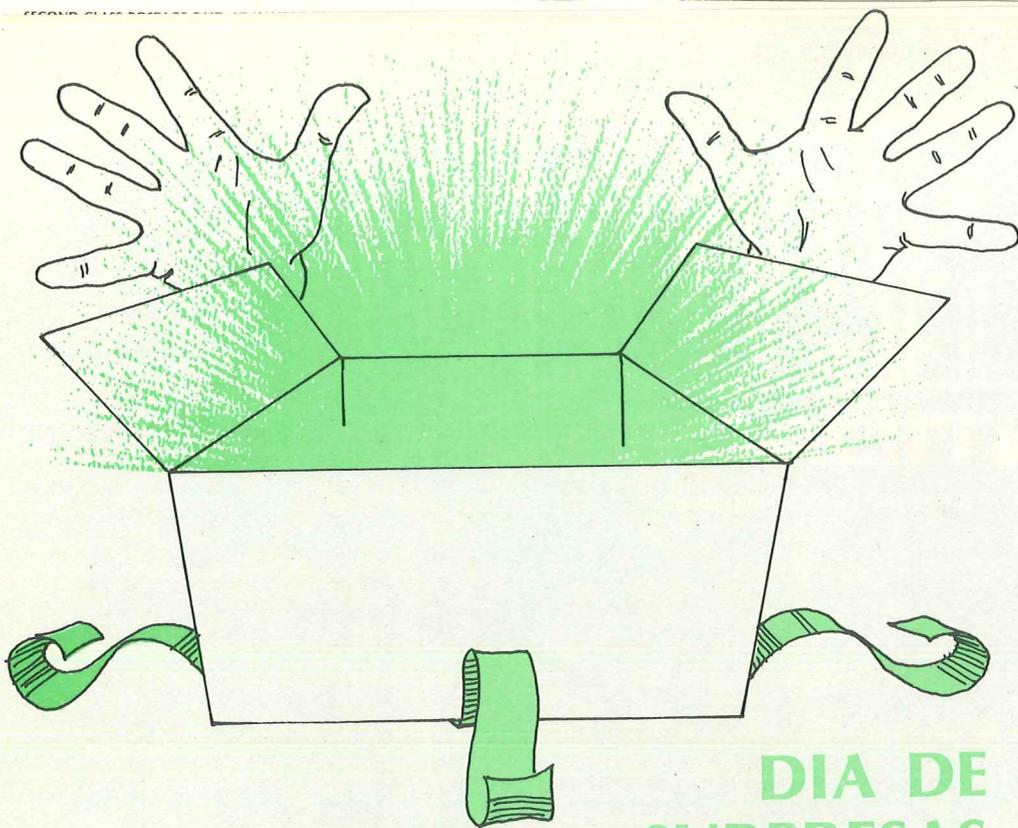


# O ARAUTO

## DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE MARÇO DE 1978





## DIA DE SURPRESAS

O guia explicou-nos que todos os anos, pela Páscoa, o imenso parque de Munique, Alemanha, se transforma num mundo de surpresas. Milhares de crianças ocorrem para procurar ovos escondidos pela administração desse lugar público. Há gritos de encanto a assinalar cada descoberta.

A Páscoa continua cheia de surpresas. Em cada ano soma-se ao rol das testemunhas da ressurreição de Cristo um grupo enorme de homens e mulheres a quem Jesus voltou a aparecer.

Entretanto, há os que ainda encaram a Páscoa como produto do fanatismo cristão, algo que jamais poderia ter acontecido. Compreende-se: tem as dimensões do impossível humano. A dois mil anos de distância e com escassez de documentos autenticados, será um tanto difícil para qualquer perito moderno formar um processo e julgar num tribunal os méritos do caso. Restam-nos, pois, duas alternativas: rejeitar a Páscoa como mito ou, então, aceitar o repto lançado por testemunhas de hoje: verifica por ti próprio, aqui e agora, que Jesus está vivo.

Se conseguirmos descobri-LO assim, fica provado, irrevogavelmente, o milagre da Páscoa—sem que tenhamos de retroceder no túnel do tempo ou voltar à Palestina de ontem.

Conhecedor do gosto humano pelo sensacionalismo, Jesus bem sabia que, se aparecesse ao povo, logo após a Sua vitória sobre a morte, arrebanharia multidões de curiosos excitados pelo fantástico. Em vez de Se revelar pela invasão, Ele preferiu ser descoberto pela devoção. Em lugar de aparecer à massa curiosa, mostrou-Se aos que por Ele se interessavam genuinamente.

Não é, pois, sem razão, que Ele não Se apresentou a Pilatos, aos sacerdotes ou à população que exigira a Sua morte. Seu propósito jamais foi o de vibrar uma bofetada de vingança. Agiu e age sempre como Deus. Na primeira Páscoa apareceu aos Seus amigos. Nem mesmo os soldados que guardavam o túmulo O viram. A Páscoa é uma revelação especial para os que, sinceramente, andam à procura de Deus.

Como outrora, a data continua a oferecer surpresas. Vibra golpes

ao convencionalismo e encanta pela frescura da sua revelação.

Numa sociedade segregadora de sexos, Jesus aparece, primeiro, a uma mulher. Maria Madalena é que teve de correr a homens—pretenciosos guardiões do saber—, e dizer-lhes que ela tinha o conhecimento que mudava tudo: Jesus ressuscitara!

Aos que esperariam vê-LO aparecer no templo, em elaborado cerimonial litúrgico, Ele surpreende uma vez mais: vai à casa onde o medo encurralara homens e franqueia-lhes o sol. Apareceu a discípulos frustrados. Esses homens lutavam contra duas forças: a memória de um Cristo milagroso e as marteladas que esmagaram a Sua carne, prendendo-O à cruz. Como reconciliar as duas realidades? Diante do paradoxo que tornava imperiosa a mistura Deus-Homem, não admira que aquela gente fechasse as portas da casa e as da alma, num isolamento confuso.

Para eles a Páscoa reservava a surpresa máxima: "o mesmo" Jesus Se apresentou e lhes deu a mensagem de Paz.

Havia também viajantes na primeira Páscoa, os chamados Discípulos de Emaús. Lamentavam pelo caminho o seu mundo, agora sem futuro. O discernimento é exacto: sem Cristo, não há futuro. Foi, então, que o Senhor lhes apareceu!

Poderíamos chamar aqui homens e mulheres de hoje que viram repetir-se esta experiência do apóstolo Paulo: "E, por derradeiro de todos, me apareceu também a mim" (I Cor. 15:8). Seus rostos, vozes, culturas, seriam diferentes, mas um factor igual uniria todas as testemunhas: quando tiveram a sua Páscoa, desejavam intensamente ou precisavam ver a Cristo.

Então, Ele lhes apareceu—não como um espectáculo na rotina da Terra, mas como promessa e garantia de Vida. □

—Jorge de Barros

# PASCOA— ALEGRIA E ESPERANÇA

Ao avançarmos através da crescente escuridão e tragédia da Quaresma, sustenta-nos a certeza de que o Getsêmane e o Calvário não são o fim, antes o princípio. Os cristãos conhecem o desfecho feliz desta história—o túmulo vazio e o Cristo ressurrecto.

Não admira, portanto, que a Páscoa signifique alegria. Que outra reacção lhe é adequada? Jesus vive! O pecado e o inferno foram conquistados.

Helmut Thielicke recorda que os cristãos medievais, antes de se deixarem petrificar pela gravidade litúrgica, rompiam em gargalhadas na manhã da Páscoa (*risus paschalis*), ao ser lida a história da Ressurreição. Igualmente se deve ouvir em cada igreja o som de regozijo quando for de novo contada a gloriosa nova do levantamento de Cristo de entre os mortos.

Então, a Páscoa também significará esperança. Porque Ele vive, nós também viveremos. A morte e a sepultura jamais serão inimigos mortais para aqueles que receberam o benefício da expiação. Somos não só participantes dos sofrimentos de Cristo, mas também da Sua ressurreição—vida eterna. Por isso é que João Wesley podia proclamar confiantemente que o povo de Deus morre bem. A esperança ilumina a noite da separação e assinala a aurora da eternidade.

Há um superintendente da Es-

cola Dominical que numa sexta-feira santa viu serem enterradas as suas duas filhas. Ninguém esperava que no Domingo de Páscoa ele e a esposa estivessem nos seus postos—mas estavam.

Um dos meninos da classe da senhora perguntou ao pai depois do culto da manhã:—Eles crêem de facto, não é verdade?

—Crêem o quê?—disse o pai.

—Toda esta história da Páscoa e vida eterna—replicou o moço.

—Claro, filho. Todos os cristãos crêem nisso.

—Mas não crêem dessa maneira—foi a resposta do moço.

A Páscoa é uma excelente oportunidade para todos os cristãos deixarem a sua alegria e esperança demonstrar que realmente crêem que Jesus está vivo. A oferta missionária de Páscoa proporciona uma maneira de todos os Nazarenos darem este testemunho.

Vamos responder sacrificialmente a este desafio, trazendo uma oferta sem precedentes, que levará a alegria e a esperança da Páscoa a muitos que têm poucos motivos para se regozijarem e que jazem sem esperança. □



—Eugene L. Stowe  
Superintendente Geral

## O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral  
JORGE DE BARROS, Director  
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora  
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor  
ROLAND MILLER, Artista  
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Março de 1978 Número 6

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

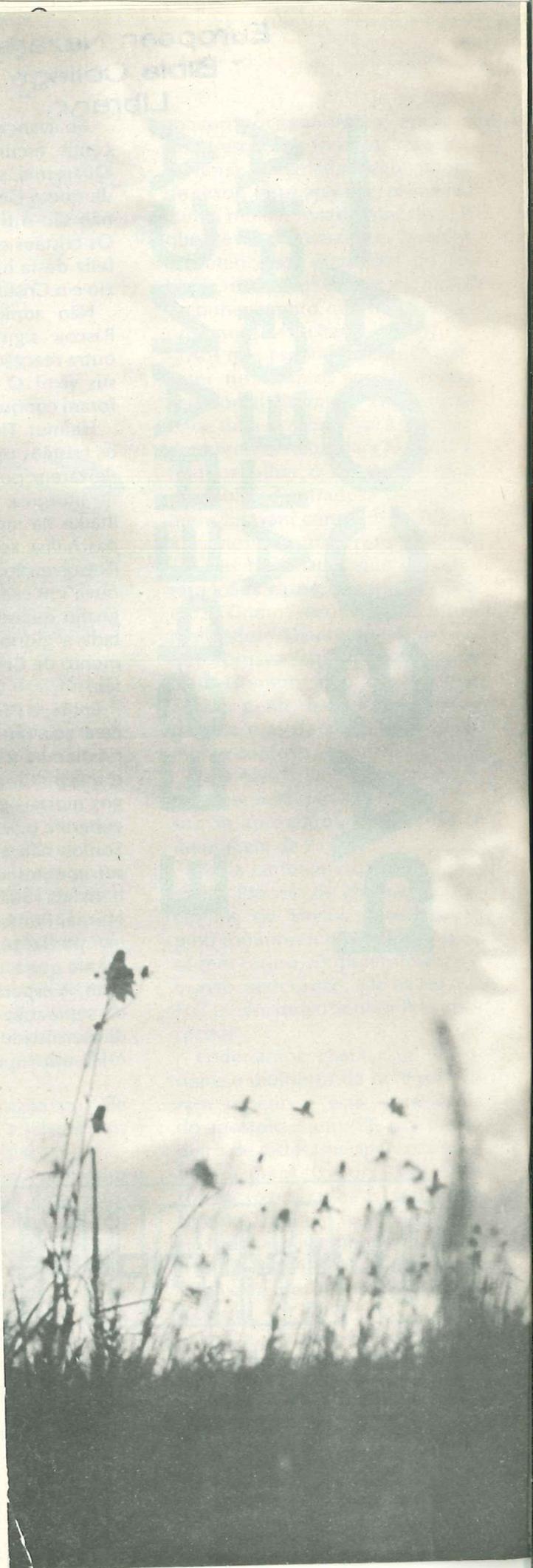
O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Application to mail at second-class postage rates is pending at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

# DEUS OLHOU PARA MIM

—Teresa M. Santos\*

Quando tudo era pecado,  
tristeza e dor,  
Deus olhou para mim.  
Quando a multidão O cercava,  
obrigando-O a parar,  
Ele com o Seu terno olhar  
via-me a mim.  
Quando foi levado perante os juízes  
e eu e a multidão  
gritávamos: Crucifica-O,  
Ele, cheio de amor,  
continuou a olhar para mim.  
A caminho do Calvário,  
carregando a pesada cruz,  
ouvindo injúrias,  
por entre o sangue que corria pelo Seu rosto  
Ele olhou para mim.  
Quando a cruz se ergueu lá no alto  
e Ele gritou:  
Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem,  
Ele olhou para mim  
e me salvou.  
Quando ressurgiu dos mortos  
e apareceu à multidão  
Ele olhou para mim.  
... E hoje, lá do Céu,  
continua a olhar para mim,  
amando-me e ajudando-me  
para que, quando voltar,  
eu O possa olhar e dizer:  
Sim, Mestre, eis-me aqui!

\*Lisboa, Portugal.



# INTERPRETE A RESSURREIÇÃO

—H. T. Reza

Há diferentes maneiras de celebrar a Ressurreição. Para muitos não passa dum evento histórico. Se aconteceu, muito bem; se não, melhor ainda. Ou trata-se apenas dum boato: espalhou-se a ideia de que uma pessoa, rejeitada pelos demais, foi crucificada com todos os requintes de crueldade. A dita pessoa foi sepultada —e diz-se que ressuscitou. Quem sabe?!

Para outros, a Ressurreição de Jesus é apenas ocasião para uma festa. Caíram no erro de crer que os governos autorizaram férias nestes dias para que toda a gente pudesse entregar-se a festividades, em muitos casos de maneira extrema e perigosa.

A verdade é que onde os governos concedem férias por causa da Semana Santa, é para que o povo atenda às suas necessidades espirituais.

Temos de interpretar a Ressurreição à base da dinâmica cristã, ou melhor, à base da Pessoa de Cristo.

João disse: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Ao pronunciar estas palavras estava a convidar à acção.

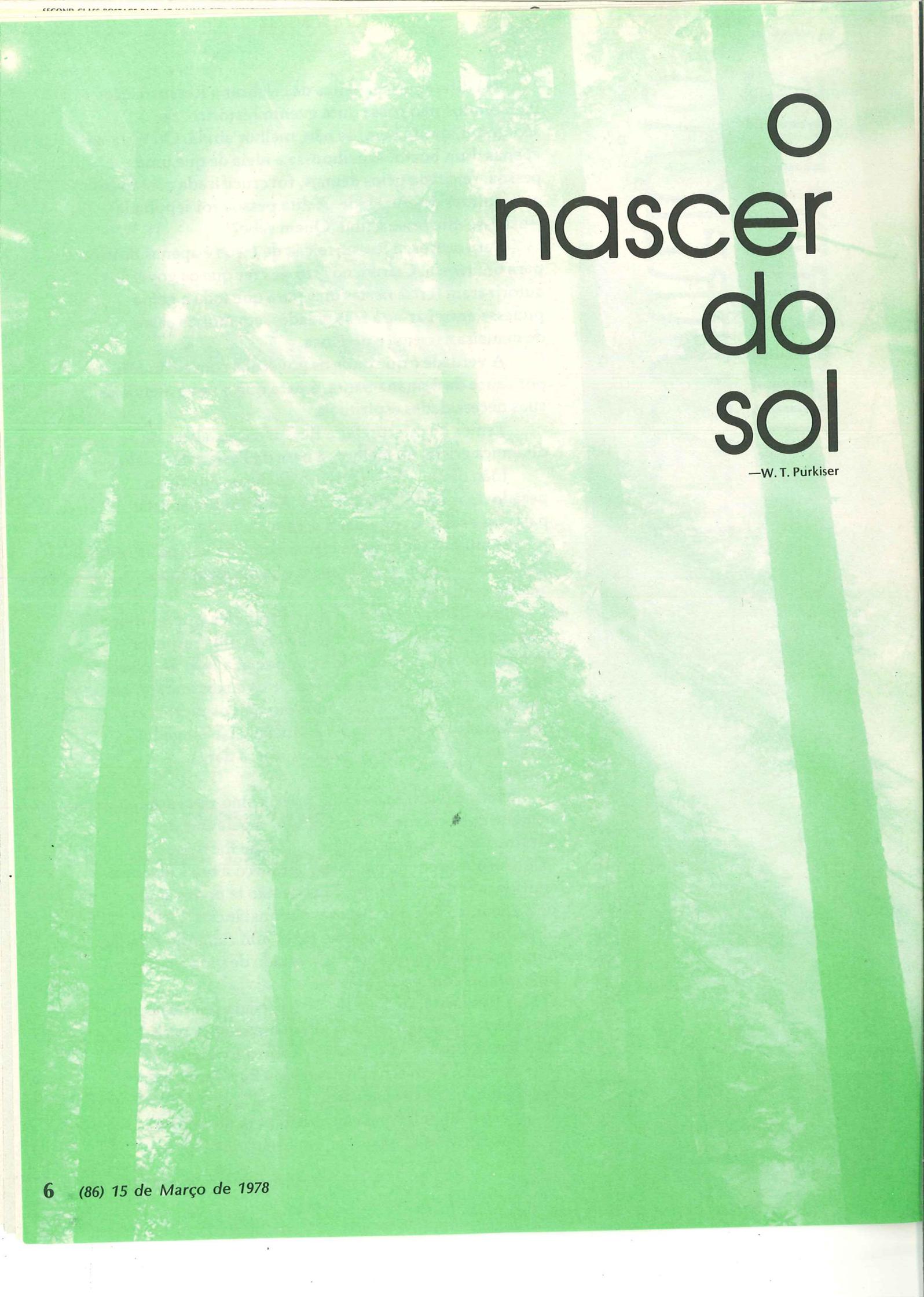
A mulher samaritana clamou em alta voz pelas ruas da cidade: “Vinde ver o homem que me disse tudo quanto tenho feito”.

João Batista, ao enviar dois discípulos a perguntar a Jesus se Ele era o Messias, recebeu não uma resposta ideológica, mas prática: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mateus 11:4-5). Cristo incita a fazer, a dar, a entregar-se.

Mesmo o ladrão na cruz, preso como estava ao madeiro com cravos afiados, ouviu as palavras do Mestre: “Hoje estarás comigo . . .” Não lhe disse: “Conforma-te com a tua sorte, agradeço a tua lealdade e confiança”; nem: “Tenho pena de não te poder ajudar, pois encontro-me nas mesmas circunstâncias”. Mas disse-lhe: “Há alguma coisa a fazer, um caminho a andar, uma experiência a receber e um estado de vida a gozar; hoje estarás comigo no paraíso”.

A Ressurreição deve ser interpretada por nós como um convite para agir e como um mandamento para espalhar as boas novas. Neste sentido o Evangelho é Ressurreição; e em sentido inverso, a Ressurreição é Evangelho, que é propagação.

Você é um intérprete de Cristo para quantos o rodeiam. Se desejar, pode ser um intérprete fiel. □



o  
nascer  
do  
sol

—W. T. Purkiser

Marcos usa uma expressão interessante para descrever o momento em que, na primeira Páscoa cristã, se descobriu que Cristo estava vivo. Diz que “no primeiro dia da semana” as duas Marias e Salomé “foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do sol” (16:2).

Grande parte da maravilha da Ressurreição é expressa nestas palavras. O dia de escuridão que separava os piores feitos do homem e o mais excelente acto de Deus terminou com “o nascer do sol”.

A mudança do dia de adoração cristã, do sábado da era antiga para o domingo da nova era, envolve muitos factores. Um deles é ter-se dado no primeiro dia da semana a ressurreição do Filho de Deus (Marcos 16:9), descoberta ao “nascer do sol”.

As Escrituras frequentemente usam factos físicos para exprimir realidades espirituais. No Velho Testamento o Messias é descrito como “o Sol da justiça” que “trará salvação debaixo das suas asas”—ou “raios”, como na tradução de Moffatt (Malaquias 4:2; ver Isaías 60:1-3).

Não é exagero dizer que não haveria “dia do Senhor” se não tivesse havido o nascer do sol da ressurreição do Salvador. A Páscoa não é um simples incidente da fé cristã. Tem um lugar primordial.

Embora não seja completamente correcto comparar os diversos aspectos da vida de Cristo, num certo sentido, a Ressurreição é o seu clímax e fundamento. A encarnação, a Sua vida imaculada, os Seus ensinamentos incomparáveis e a Crucificação foram validados pela Ressurreição.

Muitas vezes o Novo Testamento fala da Cruz. Mas nunca como um crucifixo, com a forma do Salvador moribundo perpetuamente pendurado nela. É uma Cruz vazia, ofuscada pela realidade do Senhor vivo.

**A**RESSURREIÇÃO foi o nascer do sol de um novo dia.

Paulo, o maior intérprete da fé cristã, demonstrou este facto, pondo-o fora de questão. Fê-lo através de três orações condicionais, no grande capítulo sobre a ressurreição—I Coríntios 15:

“Se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé . . . Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados . . . Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (vs. 14-19).

Para Paulo, a Ressurreição era o nascer do sol da fé. O poder da proclamação cristã é a presença do Redentor vivo. Se Cristo está morto, a nossa pregação é vã—sons vazios sem consequências eternas.

Não só a proclamação é vã, mas a fé não tem valor

—se Cristo não Se levantou dos mortos.

Actualmente há uma tendência aflitiva para se exortar à fé na fé, em vez de se exaltar a fé em Deus. Até se diz: “Não interessa o *que* crês ou em *quem* crês, contanto que tenhas fé”.

É difícil encontrar uma ilusão mais falsa. O poder da fé não é a crença subjectiva, mas o Objecto com que se relaciona.

A fé só tem valor quando o seu conteúdo é verdadeiro. A fé nos ídolos de uma tribo pode ser pior que a ausência de qualquer fé.

Paulo afirma que o fundamento da fé cristã é o poderoso acto de Deus pelo qual Ele levantou dos mortos a Seu Filho e nosso Salvador. Nenhum outro alicerce pode suportar a estrutura da nossa fé.

**A**RESSURREIÇÃO é o nascer do sol do perdão. “Se Cristo não ressuscitou . . . ainda permaneceis nos vossos pecados.”

De novo afirmamos que Paulo nunca esqueceu a Cruz. Pregou-a e gloriou-se nela. Mas era uma Cruz cujo significado foi autenticado pela Ressurreição do Senhor.

De um modo interessante, Paulo identificou a Cruz com as consequências do pecado, e a Ressurreição com o perdão e uma nova vida. Escrevendo aos romanos, ele disse que “Jesus, nosso Senhor . . . por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para a nossa justificação” (4:24-25).

Na verdade, somos “justificados pelo seu sangue” (Romanos 5:9). Mas somos “salvos pela sua vida” (Romanos 5:10)—completa e finalmente.

O escritor aos Hebreus ecoa a mesma verdade: “[Cristo] pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25).

**A**RESSURREIÇÃO é o nascer do sol do futuro—não só nesta vida, mas por toda a eternidade. “Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens”.

Não posso crer que nesta passagem Paulo negue que vale a pena servir a Cristo no presente. Há vantagens intrínsecas numa vida recta, para além da famosa recompensa celestial.

O que o Apóstolo quer dizer é que, se a promessa da Ressurreição fosse falsa—“porque eu vivo, vós também vivereis” (João 14:19)—toda a estrutura da fé cristã rui e nós viveríamos num logro, sendo “de todos os homens os mais miseráveis”.

Mas o Novo Testamento e a experiência cristã gritam o contrário. Cristo está vivo para sempre! Não temos esperança só nesta vida! Somos (ou deveríamos ser) de todas as pessoas as mais alegres e felizes. □

## O PODER DA RESSURREIÇÃO

Embora seja uma verdade elementar que imortalidade não é ressurreição, a diferença é muitas vezes subestimada até pelos cristãos professos.

Imortalidade é um conceito grego. Ressurreição é um ensinamento bíblico e cristão. Imortalidade refere-se a uma absorção impessoal no mundo do espírito, a seguir à vida terrena. Ressurreição diz respeito a uma vida pessoal depois da morte, envolvendo o homem como ser total.

A despeito de Paulo usar a palavra "imortalidade" em I Coríntios 15, ele não tinha em mente o conceito grego. Em vez disso, referia-se ao ressurgir do corpo já glorificado.

Por vezes a ressurreição é ilustrada pelo despertar da natureza na Primavera, pelo brotar das árvores e desabrochar das flores. Diz-se que da morte fria do Inverno surge uma nova vida. Mas trata-se de um fenómeno natural que, quando muito, só simboliza o conceito clássico de imortalidade.

A ressurreição prometida pela fé cristã, contudo, encontra-se personalizada em Jesus, que constitui as "primícias" dos que dormem e é um exemplo da vida divina que só Deus pode produzir. É um fenómeno sobrenatural.

Ela representa a resposta de Deus à morte, o que tem vários

significados. O mais evidente é físico. A vitória sobre este tipo de morte é uma parte importante da celebração da Páscoa. Vida individual para além da morte física é a esperança de todo o cristão verdadeiro.

Encontramos esta fé e promessa claramente expressas nas Escrituras: "Se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita" (Romanos 8:11).

O Espírito Santo que habita no crente é o "penhor" ou garantia da sua "herança" final (Efésios 1:13-14).

Mas há, também, morte espiritual, alinação de Deus por causa do pecado do homem. A ressurreição de Cristo também torna possível a vitória sobre este tipo de morte.

Desta morte e ressurreição, diz-nos Paulo numa passagem clássica: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda *mortos em nossas ofensas*, nos vivificou juntamente com Cristo . . . e *nos ressuscitou* juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Efésios 2:4-6).

Os dois tipos de morte e ressurreição não são independentes. A

vida após a morte física depende de se possuir já neste mundo a vida ressuscitada.

A relação entre as duas está bem expressa no anseio de Paulo: "Para conhecê-lo [a Cristo], conhecer o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos" (Filipenses 3:10-11).

O apóstolo fora chamado "separado" para proclamar o poder da morte e ressurreição de Cristo. Por isso escreve que Jesus fora "declarado Filho de Deus, em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos" (Romanos 1:4).

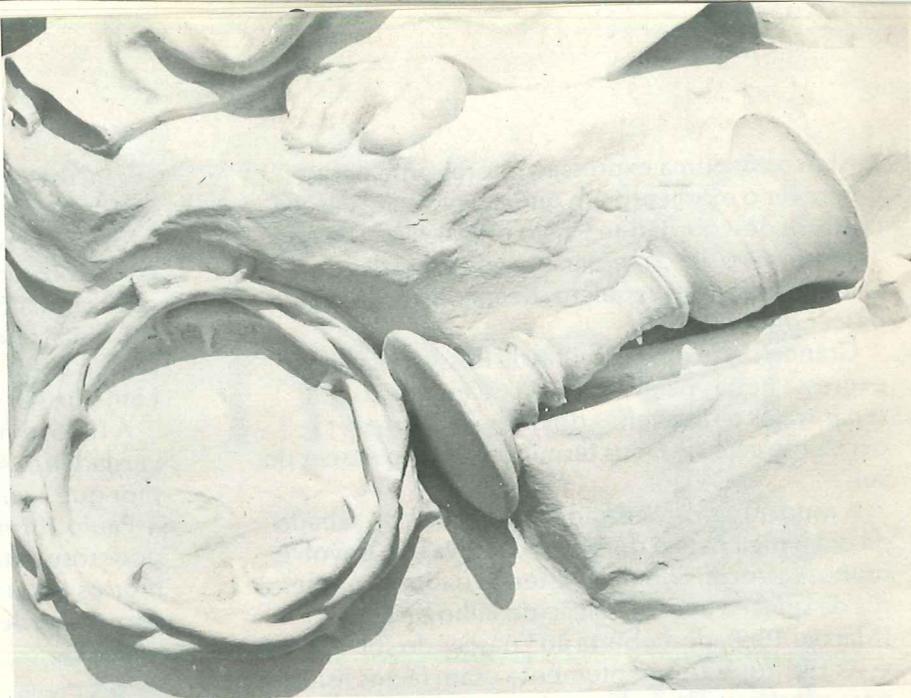


foto por Paul. M. Schrock



Literalmente, esta expressão significa "a ressurreição das pessoas mortas". Isto é, o mesmo poder que levantou Jesus dentre os mortos, tem-nos levantado a nós do túmulo do pecado. Portanto, a morte de Jesus foi a nosso favor, *por nós*, enquanto que a Sua ressurreição verifica-se *em nós*.

Mas para se conhecer o poder da ressurreição de Cristo, é necessária uma condição fundamental: "Conformar-se com ele na sua morte". Requer identificação com a Cruz.

Toda a vida espiritual começa na Cruz. Toda a relação vital com Cristo tem ali a sua origem. A Cruz não é a palavra *final*, mas é *fundamental*. Necessariamente precede a Ressurreição.

Os sofrimentos e total entrega do Senhor constituem o nosso exemplo. As palavras provenientes da Cruz do meio são cruciais: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"

Avancemos com cuidado porque o lugar que pisamos é sagrado. Trata-se do mistério da expiação. Não foi só a dor física que originou esse grito amargo. A luta de Jesus travava-se primariamente com a morte *espiritual*, separação de Deus. Era a "crucificação dentro da crucificação".

A vontade do Pai constituiu o supremo desejo de Cristo durante toda a Sua vida. Escolheu-a mesmo sabendo que Lhe traria sofrimento. No Seu batismo, consentiu em ser contado com os transgressores.

As tentativas de Satanás de levá-IO a comprometer-Se e fugir à Cruz pela transformação de pedras em pães, ou por Se lançar do pináculo do templo ou do topo de uma montanha, foram firmemente rejeitadas. Do mesmo modo, Cristo repreendeu a Pedro que Lhe sugeriu que Se poupasse.

Jesus nunca reclamou direitos para Si mesmo. Foi capaz de atingir o Seu objectivo, de dizer: "Está consumado", porque desde a aurora da Sua infância fora posuído pela vontade do Pai.

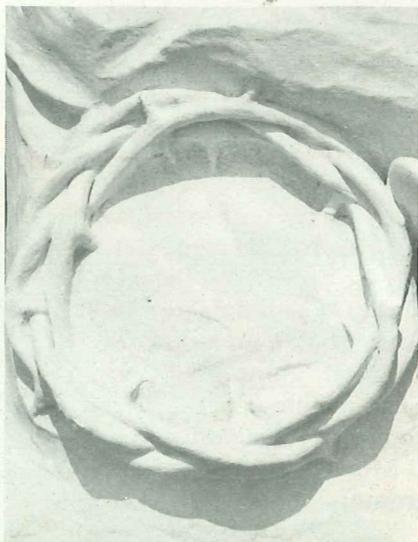
Quando era ainda um rapazinho, disse: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios do meu Pai?" Na mocidade, afirmou: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou". E quando se aproximava a tormenta da Cruz, Ele orou no jardim: "Não se faça a minha vontade, mas a tua".

Conformar-se com Cristo na Sua morte significa aceitar a vontade do Pai.

Conformidade não é submissão abjecta, como um animal subjugado pelo amo. Não é simples rendição, qual soldado capturado hasteando uma bandeira branca. É a alegre disposição da nossa vontade em aceitar a vontade de Deus; a entrega de nós mesmos a Ele; provar pela Cruz cada desejo, afeição e actividade.

As palavras de Jesus sobre a Cruz trazem uma mensagem divina aos que quiserem escutar. O Seu grito de auto-renúncia para com o Pai Celestial impele os Seus seguidores a morrerem para si mesmos; a chegarem ao ponto onde podem dizer: "Estou crucificado com Cristo" (Gálatas 2:20).

Este é o significado da exortação bíblica: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que . . . humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz" (Filipenses 2:5-8).



A identificação com a cruz de Cristo deve processar-se mesmo nas coisas triviais e decisões diárias da vida. É nisso que teremos vitória ou derrota. Como disse G. Campbell Morgan: "Ninguém é destruído por uma crise sem que a sua fibra moral tivesse já sido enfraquecida nas coisas vulgares da vida".

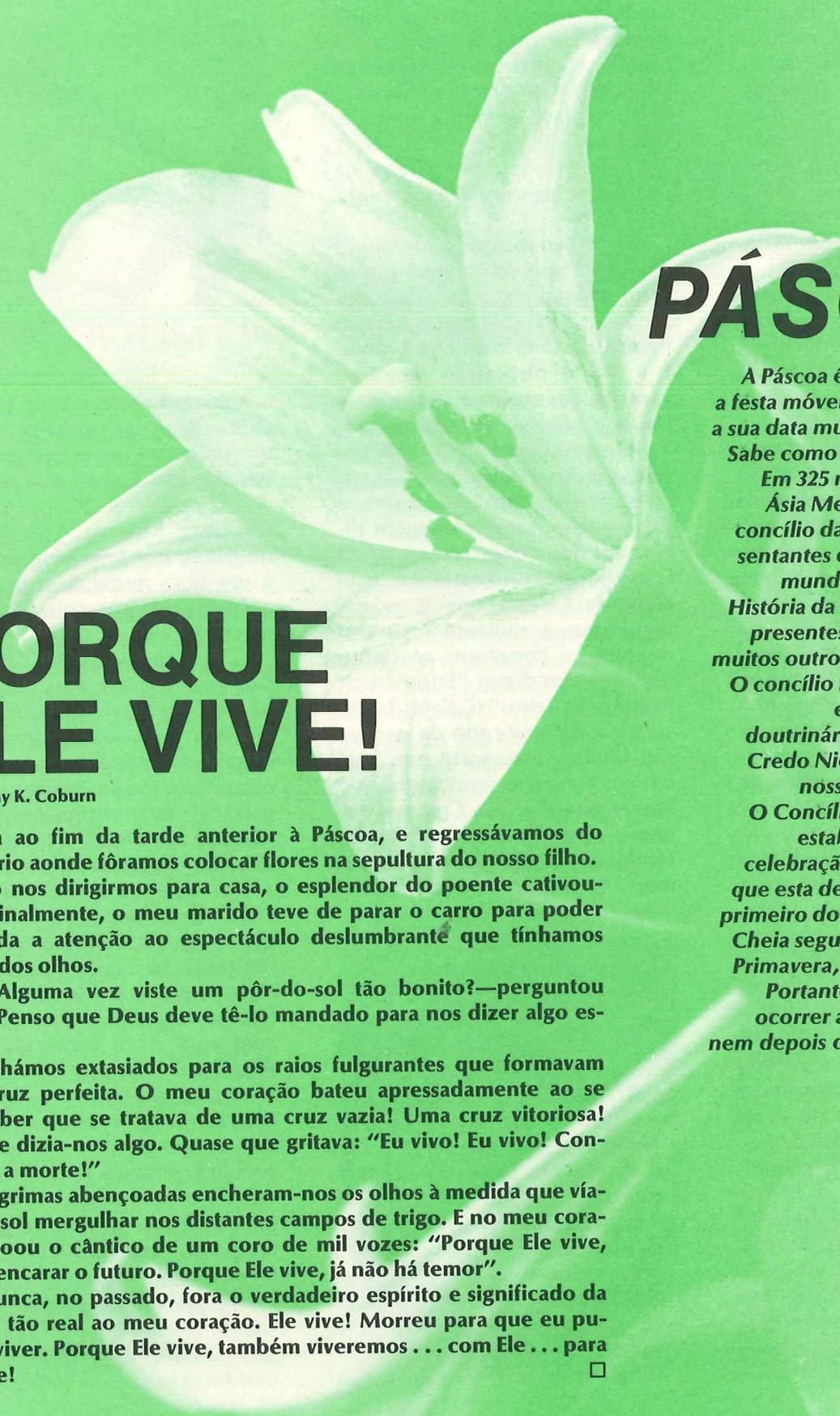
Conformar-nos com Cristo na Sua morte é ir à Cruz com Ele, pôr-nos no lugar da crucificação, tomar a nossa cruz diariamente, negar-nos a nós próprios e entronizar Jesus como Senhor. Entregar-nos incondicionalmente à vontade de Deus é passar pela experiência da crucificação.

Mas significa passar *por* ela e não, permanecer nela. Para os que estão em Cristo, a ressurreição segue-se à crucificação. Conformar-se com Cristo na Sua morte conduz, finalmente, a "ser conforme o seu corpo glorioso" (Filipenses 3:21).

Não há poder na imortalidade. Mas conhecer a Cristo no poder da Sua ressurreição traz vida no presente—libertação da escravidão do pecado—, em vez de morte *espiritual*; e conduz à vida eterna, em vez de morte eterna, no porvir.

"Graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo" (I Coríntios 15:57). □

—John A. Knight



# PORQUE ELE VIVE!

—Dorothy K. Coburn

Era ao fim da tarde anterior à Páscoa, e regressávamos do cemitério aonde fôramos colocar flores na sepultura do nosso filho.

Ao nos dirigirmos para casa, o esplendor do poente cativou-nos. Finalmente, o meu marido teve de parar o carro para poder dar toda a atenção ao espectáculo deslumbrante que tínhamos diante dos olhos.

—Alguma vez viste um pôr-do-sol tão bonito?—perguntou ele. —Penso que Deus deve tê-lo mandado para nos dizer algo especial.

Olhámos extasiados para os raios fulgurantes que formavam uma cruz perfeita. O meu coração bateu apressadamente ao se aperceber que se tratava de uma cruz vazia! Uma cruz vitoriosa! Sim, Ele dizia-nos algo. Quase que gritava: “Eu vivo! Eu vivo! Conquistei a morte!”

Lágrimas abençoadas encheram-nos os olhos à medida que víamos o sol mergulhar nos distantes campos de trigo. E no meu coração ecoou o cântico de um coro de mil vozes: “Porque Ele vive, posso encarar o futuro. Porque Ele vive, já não há temor”.

Nunca, no passado, fora o verdadeiro espírito e significado da Páscoa tão real ao meu coração. Ele vive! Morreu para que eu pudesse viver. Porque Ele vive, também viveremos . . . com Ele . . . para sempre! □

# PÁSCOA

*A Páscoa é por vezes chamada a festa móvel da fé cristã, porque a sua data muda de ano para ano. Sabe como é esta determinada?*

*Em 325 reuniu-se em Niceia, Ásia Menor, um importante concílio da Igreja. Havia representantes de todas as partes do mundo cristão, e diz-nos a História da Igreja que estiveram presentes 300 bispos, além de muitos outros membros do clero.*

*O concílio fora convocado para esclarecer diferenças doutrinárias, e dele resultou o Credo Niceno, semelhante ao nosso Credo Apostólico.*

*O Concílio de Niceia também estabeleceu a data para a celebração da Páscoa. Decidiu que esta devia ser observada no primeiro domingo depois da Lua Cheia seguinte ao equinócio da Primavera, ou seja 21 de Março.*

*Portanto, a Páscoa não pode ocorrer antes de 22 de Março nem depois de 25 de Abril. □*

foto por Hedgecoth

# Quando Começou a Páscoa?

—Helen Temple

foto por Luoma

**Isaías 14:12-14**

Não, não foi na Cruz. A Páscoa começou muito antes, na penumbra dos séculos, quando Satanás, o arcanjo de luz e beleza, se declarou igual a Deus e desafiou o Seu poder e autoridade. Expulso do céu, Satanás conseguiu, pela sua influência e persuasão, levar consigo uma grande multidão de anjos.

**II Pedro 2:4**

No seu primeiro encontro com o homem no Éden, Satanás venceu. Pela sua vitória, a morte, a doença e o mal entraram na criação de Deus, originalmente boa. Mesmo o Dilúvio não pôde conter a onda do mal que se espalhou pelo mundo. Nação após nação, todas caíram perante a lisonja de Satanás e foram destruídas.

**Gênesis 2:17**

Deus não foi colhido de surpresa. Quando decidiu criar um mundo constituído por homens livres, Ele sabia o que poderia acontecer. O homem, com liberdade de escolha, poderia entregar-se a Satanás e afastar-se do Criador. Tão pouco deixou Deus de avisar Adão do custo da sua desobediência. As primeiras instruções que lhe deu incluíam a admoestação de que a desobediência traria morte.

**Filipenses 2:8**

Contudo, a morte do pecador não o podia restaurar à comunhão com Deus. Foi necessária a redenção—o sacrifício de Alguém capaz de morrer em lugar do pecador—Alguém que não tivesse pecado próprio.

Só havia uma Pessoa capaz de satisfazer esta condição—o unigénito Filho de Deus. E Este, sempre submisso ao Pai, obedeceu até à morte, mesmo a morte na cruz.

**Romanos 5:12**

O papel de Redentor não era fácil de ser atribuído ou assumido. O preço era esmagador. Deus tentou todos os meios possíveis para atrair o homem a Si. Somente quando profetas, anjos e até inimigos destruidores falharam em o conseguir, Ele mandou o Seu Filho à terra para morrer pelo pecador.

No entanto, a morte entrara no mundo como resultado do triunfo de Satanás sobre o homem. Se o poder do Diabo conseguisse matar o Filho de Deus, de quem seria a vitória?!

Ah! mas a morte não foi o fim. Não foi ela o clímax desses dias terríveis vividos por Cristo. A vitória final de Deus sobre Satanás não foi obtida na Cruz. Esta foi o preço da redenção do pecado que o homem introduzira no mundo pela sua desobediência. A morte e o inferno também faziam parte do triunfo de Satanás sobre a criação divina. Deviam ser aniquilados. Por isso, não era suficiente que o Filho de Deus morresse. Ele tinha de conquistar a morte e o inferno.

**I Coríntios 15:14, 17, 20-22**

A vitória final de Deus teve lugar entre a Cruz e a descoberta do túmulo vazio. Paulo reconheceu este facto e disse: "Se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé... e ainda permanecemos nos vossos pecados".

**II Coríntios 5:21**

Algures entre o momento atroz em que Jesus, o Filho de Deus, foi feito "pecado por nós" e em agonia gritou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"—altura em que os nossos pecados O cortaram da presença do Pai—, entre essa hora negra e a manhã da Ressurreição, numa batalha demasiado imersa em mistério para que mentes finitas a possam compreender, Jesus, o Filho de Deus, enfrentou Satanás e arrebatou-lhe as chaves da morte e do inferno.

**Apocalipse 12:10b**

O poder de Satã foi destruído. Embora a morte física continue inescapável, para aqueles que aceitam a redenção providenciada por Deus, ela tornou-se a porta para o céu e presença do Pai. O aguilhão da morte fora desfeito. Neutralizada a vitória do túmulo. Jesus Cristo, o imaculado Filho de Deus, vencera.

**Apocalipse 13:8**

Satanás ainda está activo no mundo. Os seus anjos também o estão. Diariamente ele apresenta-se diante do trono de Deus, acusando os crentes sem cessar. Mas, assentado nesse trono, está o ressurrecto Filho de Deus, o Cordeiro imolado desde a fundação do mundo, que Se tornou nosso Salvador e que possui as chaves da morte e do inferno.

**I Coríntios 15:57**

Satanás foi derrotado. A Redenção pertence-nos, comprada e paga por Jesus Cristo. É recebida pela fé e mantida pela obediência.

**I Coríntios 15:55**

"Graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo."

"Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" □



# TÚMULOS MODERNOS

—J. S. Monteiro Fortes  
Belo Horizonte, Brasil

Causam riso as medidas de segurança que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus implementaram, na ânsia de evitar a saída de Jesus do túmulo. Exigiram de Pilatos uma guarda armada, permanente. Homens de capacete metálico, lanças, escudos, couraças. E como se toda essa encenação fosse pouco, selaram o túmulo com o selo do poderoso império romano.

Com tais medidas de segurança, como acreditar nas notícias saídas três dias depois: o túmulo de Jesus Nazareno encontrado vazio?

Não é necessária uma imaginação hábil para idealizar os comentários da Força Armada, da Polícia Secreta, dos especialistas em matéria de segurança e de quantos estavam envolvidos na missão de reter no túmulo um corpo tão indesejado. "Não pode ser. A pedra está selada e, além do mais, traz o carimbo do império. De resto, temos a guarda. E, modéstia à parte, capaz de sufocar qualquer tentativa de rapto do corpo do tal galileu." Isto é ridículo.

Acontece, porém, que nos nossos dias há quem deseje confinar Jesus a um túmulo. E, para tanto, grupos, ligas, partidos e governos inventaram suas medidas carnavalescas de segurança: uma disposição constitucional, uma campanha activa e sistemática, ameaças, trabalhos forçados, clínicas empenhadas em manipulações psiquiátricas. Mas longe de ficar encerrado nesses "túmulos" modernos, Jesus continua a superar todas as medidas de segurança e sair vitorioso.

Discorrendo com muita inspiração sobre a Ressurreição, Paulo, num acento de vitória, exclamou: "Tragada foi a morte na vitória" (I Cor. 15:54). Tragadas têm sido ao longo da história todas as tentativas e pretensões dos homens e do diabo, de reduzir ao mutismo o Autor da Vida, o Senhor da Criação, o Vencedor da Morte.

Nem as medidas de segurança, nem o túmulo O puderam reter. Nada absolutamente O reterá nem hoje, nem nunca. Ele vive. Sim, Ele vive em mim. □

Junta Consultiva do Distrito Sudeste da Igreja do Nazareno do Brasil, aquando da sua última reunião em Brasília.

Da esq. para a dir.: Sr. Jacy Silva, representante leigo; Revs. António Leite, Joaquim Lima e Robert Collins; Rev. José Zito Oliveira, pastor da igreja visitada; Rev. Dilo Palhares; Sr. José Sauter, representante leigo; Rev. Anselmo C. Duarte e Rev. Charles Gates.



# BALANÇO

—Francisco X. Ferreira  
Superintendente Distrital, República de Cabo Verde

*Cada bênção nos convém lembrar,  
As bondades do Senhor contar;  
Ao somá-las, vemos, cada vez,  
Quantas maravilhas nosso Deus já fez.*

Chegou o fim do ano eclesiástico e com ele a 24a. Assembleia Distrital que, este ano, foi particularmente abençoada.

Além das mensagens poderosas trazidas pelo Rev. Jorge de Barros e dos relatórios de vitória de todas as igrejas, as Sociedades Missionárias da Praia e de S. Filipe nos surpreenderam com duas impressionantes exposições de trabalhos manuais.

Tal como sucedeu com a Juventude, estas sociedades criaram departamentos que apoiam a Obra no seu aspecto geral. Na Praia são os grupos "Cruzada de Boa Vontade" e "Senhoras de Sacudir o Pó", e em S. Filipe é o das "Sunamitas". Em S. Vicente opera também um grupo com o nome de "Liga de Solidariedade". O primeiro e o terceiro grupo acima referidos, além de outras actividades, mantêm aulas de labores para as meninas que queiram aprender desde costura a qualquer outro trabalho que a mágica agulha produza.

A par dessas exposições deslumbrantes, os relatórios dos pastores e suas igrejas excederam todas as nossas expectativas. Todas as sessões de trabalho obtiveram pleno êxito.

O culto do domingo à noite foi especialmente dedicado à Igreja da Praia, que descerrou uma lápide comemorativa do 30o. aniversário da construção do templo "Maud Chapman". O programa teve numerosa assistência. Honrou-nos, também, a presença de membros do Governo e o representante do Sr. Bispo da Diocese, Rev. Peregrino.

Também pela primeira vez realizou-se um congresso da Juventude Nazarena, o qual terminou com uma marcha apoteótica pela cidade e pregação da Palavra de Deus ao ar livre. Esta teve lugar no nosso recinto desportivo, adjacente à residência do superintendente do distrito.

Já foi lançado um repto às igrejas para ganharem, este ano, 1 000 jovens para Cristo.

Podemos dizer que esta Assembleia foi diferente de todas as outras que temos assistido. Os resultados confirmam a veracidade deste facto.

Ganhamos este ano para Deus e Sua Igreja:

1 457 novos alunos para a Escola Dominical

88 novos membros

94 membros em prova

77 novos membros para a Sociedade Missionária

75 novos membros para a Juventude

672 pessoas oraram para a salvação

132 fiéis buscaram a 2a. obra da Graça para os seus corações.

As nossas receitas gerais tiveram um aumento de 15.6% sobre as do ano passado. Também foi de 15% o aumento nos dízimos e ofertas.

O nosso fundo distrital teve um aumento de 13% e as contribuições para o fundo de missões aumentaram em 10,7%, o que nos facultou o privilégio de contribuir para o fundo geral com o correspondente a 12% dos nossos dízimos e ofertas.

À parte os dados estatísticos, estamos a ver um interesse crescente na procura de Deus, como nunca temos visto.

Tal facto verificou-se no nosso acampamento, realizado após a Assembleia, no qual se reuniram cerca de 200 pessoas para uma semana de bênçãos. Nas reuniões ouviram-se testemunhos de vitória e promessas de contribuir mais e melhor para Deus.

É importante sabermos que os resultados que temos visto são devidos a um tremendo peso de oração que vai por todo o nosso querido e jovem País.

Avante, pois. Continuemos esta boa obra. A promessa é: "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado . . . esforça-te e tem bom ânimo . . . tão somente esforça-te . . . não pases nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares". □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque, a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou

da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a

justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque os que são segundo a carne, inclinam-se para as coisas da carne; mas, os que são segundo o espírito, para as coisas do espírito. Porque a incli-

## LIBERTAÇÃO

nação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Por tanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.

Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto, por causa do pecado, mas o espírito vive, por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita. □

—Romanos 8:1-11

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

✓ **Como explica o facto de alguns cristãos proclamarem que Cristo morreu na sexta-feira e ressuscitou no domingo seguinte muito cedo, quando a Bíblia diz que esteve no túmulo durante três dias e três noites?**

Todos os anos no tempo da quaresma temos de enfrentar esta mesma pergunta. Tem o seu fundamento em Mateus 12:40, que aponta 72 horas como permanência de Cristo no túmulo.

De facto, como nota F. F. Bruce, a frase "três dias e três noites" era usada com frequência para indicar "um pequeno espaço de tempo". Veja o exemplo de Ester 4:16 e 5:1, onde três dias e três noites" são equivalentes ao "terceiro dia".

Lemos em Marcos 15:42 que Jesus foi crucificado no dia da "preparação, isto é, a véspera do sábado", portanto numa sexta-feira. Lucas acrescenta: "E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado" (23:54).

Em João 19:31 vemos ainda: "Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados". O "ser grande o dia de sábado" devia coincidir com o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos.

Mateus une-se ao testemunho dos outros evangelistas ao escrever que a crucificação foi efectuada no dia da "preparação" (Mateus 27:32-62). A palavra do original grego donde provém a portuguesa "preparação" é *paraskeue* ou *parasceve*, que corresponde a "sexta-feira", tanto no grego clássico como no moderno.

Além disso, o Senhor Jesus disse, muitas vezes, que seria crucificado e ressuscitaria "ao terceiro dia" (Veja: Mateus 16:21; 17:23; 20:19; Marcos 9:31; 10:34; Lucas 9:22; 18:33; 24:7, 46). O mesmo foi declarado tanto pelos discípulos a caminho de Emaús como por Paulo (Lucas 24:21; I Coríntios 15:4).

Esta é uma boa ilustração para mostrar que antes de se chegar a uma conclusão, deve ser examinada toda a evidência escriturística e não apenas uma ou duas passagens isoladas.

✓ **Um dos meus familiares discutiu comigo acerca da sua religião, a qual lhe permite, segundo ele, certa espécie de pecados. Procura alicerçar-se em Romanos 7, afirmando que indica claramente que Paulo pecava depois de convertido. Chamei-lhe a atenção para os últimos versículos de Romanos 7 e para 8:1-10 e 6:5; mas parece-me que tudo foi em vão. Que lhe responderia?**

Aparentemente esse seu familiar conseguiu encontrar a fórmula perfeita para viver no pecado e, ao mesmo tempo, permanecer sob a graça divina.

Conforme o contexto de Romanos 6 e 8, a passagem de Romanos 7:14-24 refere-se ao passado de Paulo, quando se encontrava na situação de fariseu esclarecido, mas sem o benefício da regeneração cristã. Representa a condição de todos aqueles que desejam fazer a vontade de Deus e agradar-Lhe pelos próprios meios, fora da graça divina.

A experiência genuína do apóstolo Paulo com Cristo é descrita em Romanos 8:1-17.

Os versículos que você escolheu são excelentes—no entanto pode ainda juntar os seguintes:

"Porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:21).

"Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum . . ." (Romanos 6:1-2).

"Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo, nós mesmos também somos achados pecadores, é porventura Cristo ministro do pecado? De maneira nenhuma. Porque, se torno a edificar aquilo que construí, constituo-me a mim mesmo transgressor" (Gálatas 2:17-18).

"Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente nos houvermos para convosco, os que crestes" (I Tessalonicenses 2:10).

"Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados. Mas uma certa expectativa horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários" (Hebreus 10:26-27).

"Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade" (I João 2:4).

"Aquele que pratica o pecado procede do diabo . . . Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado" (João 3:8-9).

"Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não lhe toca" (I João 5:18).

Com todo o amor cristão, permita-me dizer-lhe que há muitos crentes que chamam "pecado" a tudo aquilo que é imperfeito no ser humano: erros, faltas e limitações.

Devemos ser muito cuidadosos em usar bem os termos bíblicos que se referem ao pecado. Nenhum cristão continua a pecar, conforme as passagens já apresentadas. Poderão existir muitas religiões que tolerem e até escondam o pecado, mas nunca poderão estar tais religiões de acordo com o cristianismo neotestamentário.

O termo "cristão pecador" é tão absurdo e contraditório como "ladrão honesto" ou "mentiroso sincero e apegado à verdade". □

# NOVO!

## Informado

- ✓ para melhor amar
- ✓ para melhor servir



### Leia livros missionários

Vista panorâmica  
da Igreja do Nazareno  
na Índia—Coreia —  
Taiwan — Hong Kong —  
Nova Zelândia — Austrália

Preço — U.S.\$2.00

Encomende este e outros li-  
vros, músicas, discos, cas-  
setes, periódicos, cartões,  
mapas, lições para a Escola  
Dominical, etc., à  
**CASA NAZARENA DE  
PUBLICAÇÕES.**

